

POVOS ORIGINÁRIOS E CENÁRIO PÓS-PANDEMIA: O BEM VIVER COMO UMA EXPERIÊNCIA DE SOCIEDADE POSSÍVEL

PUEBLOS ORIGINARIOS Y ESCENARIO POSTPANDEMICO: BUEN VIVIR COMO POSIBLE EXPERIENCIA DE LA SOCIEDAD

ORIGINATING PEOPLES AND POST-PANDEMIC SCENARIO: LIVING WELL AS A POSSIBLE SOCIETY EXPERIENCE

Timothy Denis Ireland¹
Natália de Oliveira Melo²

Recebido em: 10 abr. 2021;
Aprovado em: 13 jul. 2021.

Resumo: A partir da crise social, ambiental e sanitária que nos encontramos na pandemia do coronavírus, qual sociedade queremos no futuro que se desenhará no período pós-pandemia? O presente texto se inquieta com o porvir do momento que estamos passando e coloca em discussão um outro modo de vida inspirado nos povos indígenas, o Bem Viver. Para isso tem como objetivo refletir como é possível uma ressignificação da relação com a Natureza a partir da experiência dos povos originários, por meio da conceituação desse modo de vida como possibilidade para a sociedade ocidentalizada e da análise dos objetivos e funções do Bem Viver frente à uma realidade pós-pandemia. Os caminhos metodológicos foram uma abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e exploratória, para a análise dos dados lançamos mão da técnica da hermenêutica dialética. Concluímos que o Bem Viver é uma possibilidade viável para o cenário pós-pandemia, pautando-se em ações coletivas e tendo todas as formas de vida como fio condutor. Para isso é importante que haja uma escolha por ressignificação da relação homem e Natureza guiando-se pelo respeito, harmonia e valorização de todas as formas de vida por meio de processos educativos.

Palavras-chave: Bem viver; pós-pandemia; ressignificar; Natureza.

Resumen: *De la crisis social, ambiental y de salud que nos encontramos en la pandemia de coronavirus, ¿qué sociedad queremos en el futuro que se dibujará en el período postpandémico? Este texto está preocupado por la venida del momento en que estamos pasando y discute otra forma de vida inspirada por los pueblos indígenas, el Buen Vivir. Con este fin, pretende reflejar cómo es posible renunciar a la relación con la Naturaleza a partir de la experiencia de los*

¹ Professor titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Possui graduação em Letras e Língua Inglesas (*English Language and Literature*) pela Universidade de Edimburgo, Escócia (1971), mestrado em Educação de Adultos pela Universidade de Manchester, Inglaterra (1978) e doutorado em Educação de Adultos pela Universidade de Manchester, Inglaterra (1988). Atualmente é professor dos programas de pós-graduação em educação (PPGE) e em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH), ambos da UFPB, e coordenador da Cátedra da UNESCO em Educação de Jovens e Adultos.

² Mestra em Direitos Humanos, Cidadania e Política Públicas (PPGDH) pela UFPB. Foi Professora Substituta na Universidade Federal de Pernambuco (CAA-UFPE) e Pós-Graduada em Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Questões Étnico-Sociais ou Raciais - Universidade Candido Mendes - UCAM (2018).

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

pueblos originales, a través de la conceptualización de esta forma de vida como una posibilidad para la sociedad occidentalizada y el análisis de los objetivos y funciones del Buen Vivir frente a una realidad postpandémica. Los caminos metodológicos eran un enfoque cualitativo, bibliográfico y exploratorio, para el análisis de datos utilizamos la técnica dialéctica hermenéutica. Llegamos a la conclusión de que Buen Vivir es una posibilidad viable para el escenario postpandémico, basado en acciones colectivas y teniendo todas las formas de vida como hilo conductor. Para ello es importante que haya una opción de dimisión de la relación entre el hombre y la naturaleza guiada por el respeto, armonía y apreciación de todas las formas de vida a través de procesos educativos.

Palabras-clave: Buen vivir; Post-pandemia, Dimisión; Naturaleza.

Abstract: *From the social, environmental and health crisis that we find ourselves in the coronavirus pandemic, which society do we want in the future that will be drawn in the post-pandemic period? This text is concerned about the coming of the moment we are going through and discusses another way of life inspired by indigenous peoples, Living Well. To this end, it aims to reflect how it is possible to resignify the relationship with Nature from the experience of the original peoples, through the conceptualizations of this way of life as a possibility for westernized society and the analysis of the objectives and functions of Living Well in the face of a post-pandemic reality. The methodological paths were a qualitative approach, bibliographic and exploratory research, for the analysis of the data we use the technique of dialectical hermeneutics. We conclude that Living Well is a viable possibility for the post-pandemic scenario, based on collective actions and having all forms of life as a guiding thread. For this it is important to have a choice by re-signifying the relationship between man and nature guided by respect, harmony and appreciation of all forms of life through educational processes.*

Keywords: Living well; Post-pandemic; Resignification; Nature.

1 INTRODUÇÃO

Estamos em um período pandêmico em virtude da propagação exacerbada do novo coronavírus. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) o coronavírus faz parte de uma família de vírus que causam complicações à saúde do ser humano, e em virtude do alto grau de transmissão no dia 11 de março de 2020 a OMS declarou um surto global de pandemia, (OMS, 2020). Desde então estamos vivendo crises no sistema sanitário, político, econômico e social. Como sociedade ocidental temos vivido uma crise socioambiental evidenciada na pandemia do novo coronavírus.

Será que toda essa crise social surge com a pandemia? Ou será que esse cenário sanitário nos expõe enquanto sociedade ocidental que tem experimentado uma relação com a Natureza por meio da exploração? Boaventura de Sousa Santos (2020) nos aponta que a forma com que a sociedade vive interfere nas consequências que estamos vivendo atualmente. É preciso que

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

compreendamos que já estávamos vivendo uma crise em escala global, ou seja, a crise não se inicia com a pandemia do coronavírus.

A presente discussão busca potencializar uma nova perspectiva de relacionamento entre seres humanos e Natureza. Para que possamos pensar em mecanismos de ressignificar nossas relações para além da crise sanitária, mas para um outro ser e estar no mundo. A Natureza não aguenta mais as mesmas práticas exploratórias dos seres humanos. Não se trata de buscar saídas de emergência em virtude da pandemia e assim voltarmos à normalidade, pois como Krenak (2020) coloca, se voltarmos à essa dita normalidade a morte de milhares de pessoas não terá significado nenhum.

Existem experiências de vida milenares que têm uma outra forma de se relacionar com o meio socioambiental. Os povos indígenas carregam histórias, vivências e práticas que nos ensinam e nos inspiram à uma nova realidade pós-pandemia. Trazemos para o presente texto o Bem Viver. Esse conceito é oriundo das tradições dos povos indígenas, de expressão quíchua “Sumak Kawayay”. Na América Latina pode ser “Buen Vivir” ou Bem Viver, na língua portuguesa e que abordaremos nesse escrito. Não temos intenção de instrumentalizar o Bem Viver, pois trata-se de uma experiência de vida, e não um conceito. Fernández coloca que o Bem Viver é um estilo de vida inspirado na relação harmônica entre ser humano e mundo, onde o elo é a vida, todas as formas de vida.

Apontados os elementos que deram origem ao presente ensaio, emergem para nós algumas inquietações. Como é possível uma Ressignificação da relação com a Natureza a partir da experiência indígena do Bem Viver? Como pensar em possibilidades de relações humanas para além da pandemia do coronavírus? É possível um outro modo de se relacionar com a Natureza que não seja pela exploração?

Esse texto é um ensaio, um convite para reflexão que almeja instigar pensamentos sobre como é possível uma ressignificação da relação com a Natureza a partir da experiência indígena do Bem Viver. Para isso, teremos que conceituar esse modo de vida indígena, o Bem Viver, como possibilidade para a sociedade ocidentalizada e levantaremos análises sobre os objetivos e funções do Bem Viver para que possamos conjecturar uma sociedade saudável pós-pandemia.

Existem alternativas para a crise socioambiental que nos encontramos anterior à pandemia do coronavírus. Santos (2020) pontua que sempre houveram possibilidades, porém, nunca as discutimos e as percebemos como viáveis, devido às concepções conservadoras pautadas na

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

exploração do capitalismo. Uma outra realidade é possível, urgente e necessária.

2 METODOLOGIA

Esse material é fruto da Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) cuja temática abordada foi Educação em/para os Direitos Humanos e da Natureza e Desenvolvimento Sustentável. Trazemos como recorte para o presente texto o capítulo “Estudo analítico do Bem Viver: um modo de vida indígena e suas possibilidades para a sociedade ocidental”.

A partir dos objetivos que nos propomos a alcançar no presente material, escolhemos alguns percursos metodológicos que assistem a nossa intenção de refletir como é possível uma ressignificação da relação com a Natureza a partir da experiência indígena do Bem Viver. Caminhamos pela abordagem qualitativa, que segundo Haguette (2001) são metodologias usadas em estudos sociais tendo em vista que a sociedade é uma estrutura dinâmica que necessita de uma abordagem reflexiva sobre os fenômenos sociais. Através dessa abordagem buscaremos suscitar reflexões sobre o modo de vida exploratório que temos desenvolvido com a Natureza e assim abrir possibilidades de uma nova configuração nesse cenário pandêmico e pós-pandêmico. Para isso, traremos para o debate o modo de vida oriundo dos povos indígenas, o Bem Viver.

Para isso, é preciso partir de um campo teórico e epistemológico de discussão, configurando uma pesquisa bibliográfica. “A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 63). Para conceituar esse modo de vida indígena, o Bem Viver, como possibilidade para a sociedade ocidentalizada é preciso que mergulhemos nas discussões que estão sendo levantadas sobre o Bem Viver, contextualizando-as com o nosso objeto de estudo.

As teorias têm um espaço significativo em nosso texto, pois explicam fenômenos sociais, (MINAYO, 1994). A crise pandêmica oriunda do caos socioambiental que nos encontramos enquanto sociedade é um fenômeno social que vem se desenhando como processo, assim, as teorias buscam compreender esses fenômenos como também discutir como podemos superá-los. Nesse intento de levantar análises sobre os objetivos e funções do Bem Viver para que possamos

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

conjecturar uma sociedade saudável pós-pandemia nosso texto se faz como um estudo exploratório. Segundo Marconi e Lakatos (2017), os estudos exploratórios busca para além de discutir conceitos, dialogar entre os mesmos. A partir do movimento da pesquisa bibliográfica de colher manterias teóricas para a análise, o estudo exploratório vai colocar tais teorias em discussão tendo como base o seu objeto de estudo. Ou seja, a partir das teorias do Bem Viver iremos discutir uma ressignificação de relacionamento com a Natureza para a sociedade ocidentalizada nesse contexto pandêmico.

Esse movimento de análise dos dados se deu pela técnica da hermenêutica dialética de Mianyo (2008). Essa técnica se desenha por dois momentos. Primeiro, compreendemos o contexto histórico no qual nossa pesquisa está inserida, se tratando então de uma crise social, econômica, ambiental e sanitária. Depois, aceitamos que a nossa pesquisa não contém a explicação completa dos fenômenos sociais, portanto, não cabe a nós elencarmos quais são as soluções para superar tal crise. Cabe à toda e qualquer pesquisa nas ciências sociais levantar um conjunto de informações e reflexões sobre o objeto de sua pesquisa. Nesse sentido, colocamos em pauta o modo de vida indígena, o Bem Viver, na perspectiva de refletirmos enquanto sociedade ocidentalizada em quais as possibilidades são viáveis para superarmos esse modo de vida exploratório que tem nos levado à crises sociais, econômicas, ambientais e sanitárias.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção apresentamos as discussões propriamente ditas do nosso texto. Para isso, as organizamos em duas categorias. Na primeira, apresentamos o campo teórico e epistemológico do Bem Viver, entendendo que se trata da teorização de um modo de vida que existe há milhares de anos e só recentemente vem sendo discutido na academia. A análise consta numa discussão dos elementos do Bem Viver com o que temos experimentado enquanto sociedade ocidentalizada, na contextualização da atual crise social, econômica e sanitária. Nosso aporte teórico se dá por: Arauz (2014); Santos (2020); Krenak (2019, 2020); Larrea (2014); Acosta (2016); Moreno (2014); Grzybowski (2009); Gudynas (2011, 2016); entre outros.

Em seguida colocamos quais são os objetivos e funções do Bem Viver para a experiência de uma sociedade, trazendo reflexões possíveis para o contexto pós-pandemia. Temos como base para esse momento: Minteguiaga (2012); Ibañez (2016); Páez (2012); Burgos (2012); Pallasco

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

(2012); Jara (2016) ; Ledezma (2016); Stromquist (2017); entre outros.

3.1 BEM VIVER: TEORIZAÇÃO DE UM MODO PRÓPRIO DE VIDA INDÍGENA

Para uma coletividade que se constrói na urbanização, pautada no sistema capitalista, o Bem Viver é uma possibilidade. E Bem Viver como possibilidade frente a um sistema capitalista é a primeira categoria que emerge em nossa análise. Para além das questões ambientais que retomaremos logo a frente, o Bem Viver é uma possibilidade frente a um modo de vida que valoriza o capital, o lucro e a competitividade. A novidade, para nós, consta no fato de ser uma alternativa à globalização neoliberal, como diz Dávalos (2008), onde há uma nova perspectiva de crescimento econômico, e de desenvolvimento. Nesse ponto não há encontros entre o nosso modo de vida e àquele buscado pelo Bem Viver, e isso causa espanto no momento em que nos deparamos com uma visão de mundo em que as vidas são respeitadas de igual modo, não há hierarquizações de poder, e conseqüentemente, marginalização.

As relações no Bem Viver se desenham pela harmonia, indo de encontro com as relações que estamos habituados. As nossas relações se pautam em vários aspectos, e a cooperação não está no topo da lista. E assim, “el buen vivir surge como una respuesta al actual sistema mundo, donde las asimetrías en las relaciones de poder responden principalmente a un sistema que privilegia al capital sobre el ser humano” (ARAUZ, 2014, p. 285). Quando concordamos que o Bem Viver é uma resposta, subentende-se que há um questionamento. O questionamento emerge quando percebemos o quanto nosso modo de vida nos tem levado a uma degradação cada vez maior, desembocando no cenário pandêmico atual, (SANTOS, 2020). Em termos de relações, temos vivido épocas em que o capital tem se tornado mais importante do que a vida. No momento em que o capital toma essa proporção, as relações de poder se tornam mais imperativas. No enredo desse dilema atual nos deparamos com o Bem Viver, encontrando no mesmo uma alternativa de vida em que há possibilidade de existirem relações em que a vida tenha lugar especial.

A vida como fio condutor do Bem Viver é um elemento que emerge do estudo desse modo de vida indígena. Quando colocamos o lugar da vida no Bem Viver pensamos na vida de uma maneira plural. Recoloca-se o foco, podemos assim dizer. O objetivo não é o capital, não é a busca incessante por desenvolvimento/crescimento. O objetivo é a vida. E como Jara (2016) coloca, no Bem Viver a vida carrega uma visão filosófica de se viver que se reflete no modo de convivência

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

cotidianamente. Não é vida apenas dos seres humanos. É entender a vida no seu significado mais complexo, mas também vive-la nas singularidades. Amplia-se o sentido de vida para tudo que é criado pela Natureza, como Céspedes nos diz:

Donde todos somos uywas, criados de la naturaleza y del cosmos, donde todos somos parte de la naturaleza y no hay nada separado, donde el viento, las estrellas, las plantas, la piedra, el rocco, los cerros, las aves, el puma, son nuestros hermanos, donde la tierra es la vida misma y el hogar de todos los seres vivos (2010, p. 4).

Perceber a vida para além da vida do ser humano é um exercício pelo qual o Bem Viver nos faz refletir, se configurando como mais uma categoria do nosso texto. É nesse sentido que a harmonia se faz acontecer, uma vivência em que todos têm direito a ter uma vida digna, seja ser humano ou qualquer outro ser que pertença a esse contexto natural. Esse ponto simples de respeito a vida é um divisor de águas entre uma experiência de vida ocidental e uma experiência de vida pautada no Bem Viver. É um ponto elementar que separa esses modos de vida antagônicos. Quando trazemos as diferenças entre o modo de vida ocidental e o modo de vida proposto pelo Bem Viver é no sentido de trazer para o ocidente uma outra possibilidade de se relacionar, pois estamos entrando em colapso, “*temos de parar de vender o amanhã.*” (KRENAK, 2020, p.11-12).

Num sistema de vida em que o lucro é o foco, temos as consequências que presenciamos ao longo dos anos enquanto humanidade pautada no sistema capitalista. E na experiência do Bem Viver, em que a vida é o foco, implica-se em: “a life sensitive to the environment; and an endorsement of communitarian and solidaristic values, where the individual becomes less central than the collective interest” (STROMQUIST, 2017, p. 3). O intuito é viver experiências no coletivo, em que o interesse coletivo está acima do interesse individual. Não há sentido em diminuir um número de vida em favor de uma única vida. Logo, faz mais sentido buscar uma equidade de vida para todas as vidas. Esse sentimento de coletivo é fruto de uma vivência em que a vida é o fio condutor das ações. Porém, num sistema em que a competição é consciente e inconscientemente estimulada, o lucro e o desenvolvimento são o fio condutor das ações. O Bem Viver como alternativa ao sistema vigente no ocidente nos coloca os aspectos que é preciso refletir.

Por isso o Bem Viver vai de encontro a todas as formas de se viver ocidentais e

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

consideradas desenvolvidas nas quais nos fizeram chegar ao atual cenário de degradação ambiental e sanitária. Krenak (2020, p. 7) coloca: “a natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise”. Esse cenário deixa exposto o quanto como sociedade não sabemos valorizar nossos bens naturais. Somos uma sociedade do consumo, e esse consumo toma a esfera de exploração quando se trata dos recursos naturais. Quando pensamos em Desenvolvimento Sustentável, pensamos nesses recursos sendo poupados para continuarem a serem explorados, mas de uma forma mais amena. O Bem Viver rompe com essa visão. A visão de mundo que é a essência desse modo de vida busca proteger os recursos naturais.

Ao nos aproximarmos do Bem Viver percebemos o quanto precisamos nos desconstruir e buscar uma forma de vida em que os recursos naturais sejam protegidos. Dessa forma, o Bem Viver: “(...) es portador de una claro mensaje contestatario del actual sistema mundial hegemónico, depredador del medio ambiente, consumista y explotador de la fuerza de trabajo, a favor del incremento del capital y contra la vida” (FERNÁNDEZ, 2016, p. 21). A posição e cosmovisão dos povos indígenas é muito explícita. Nas leituras conceituais de aproximação do Bem Viver não há tópicos de “preservação”. Preservamos algo que está sendo ameaçado. No Bem Viver a Natureza não precisa ser preservada, tendo em vista que faz parte dos costumes, ações e pensamentos, incluir a mesma nos processos de garantia de uma boa vida. Nós, com nosso olhar ocidentalista condicionado é que nos colocamos no papel da necessidade de preservar, pois nosso histórico deixa evidente o quanto não cuidamos, nem preservamos nossos bens e recursos naturais.

Como para nós é um tanto quanto difícil de projetar essa vida onde há um zelo pelas outras formas de vida, é importante compreender como o Bem Viver desenvolve essa ideia que perpassa suas práticas. Antes de procurar preservar e restaurar a Natureza, o Bem Viver desenvolve um relacionamento de cooperação. Há uma forma de usufruir do que a Natureza dispõe de forma equilibrada. E no passo em que se desfruta desses recursos, também se continua a cultivá-los para que não sejam degradados. Larrea (2014) coloca que o Bem Viver desenvolve múltiplos processos de se relacionar, a primeira forma é a do homem coletivo, o homem que vive em comunidade, e a segunda é a do homem com a Natureza, que consiste em um bom relacionamento onde se promove formas de produção e consumo que não exploram tais

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

elementos. O relacionar-se é um caminho para a prevenção da degradação, e assim a prevenção da reparação, de políticas de restituição dos bens naturais.

Colocar a Natureza nesse lugar que lhe é devido acarreta em mudanças em outras esferas da vida em coletividade. Por isso compactuamos com Acosta (2016) quando este diz que nessa ideia, que está na raiz do que é o Bem Viver, “está implícito um grande passo revolucionário que nos leva a caminhar de visões antropocêntricas a visões sociobiocêntricas, assumindo as consequências políticas, econômicas, culturais e sociais desta transição” (p. 99). Todas essas experiências das relações humanas (economia, cultura e saúde) são afetadas quando o ponto de partida é o respeito a vida, a toda forma de vida, e no caso específico que estamos abordando, os bens naturais. A economia não se guiará buscando o lucro, e o lucro acima de tudo e todos; não haverá uma cultura em que a degradação ambiental seja concebida como normal no processo de desenvolvimento dito necessário; e nos preocuparemos com o bem-estar e saúde de todos os seres de maneira igualitária.

Devido ao fato de que o Bem Viver se trata de um universo em descobrimento para nós ocidentais, é inevitável comparar o que temos de experiência de vida com o que o Bem Viver é, e por essa questão da Natureza ser tão crucial, percebemos o quanto precisamos melhorar. Moreno (2014) coloca que estamos nos dando conta do quanto estamos caminhando para uma situação complicada, estamos percebendo que a nossa forma de se relacionar com a Natureza é contraditória. A ideia de que o planeta é finito está se tornando uma realidade para nós, que antes não enxergávamos. São as bases do nosso modo de vida que degradam o nosso meio ambiente, “são os fundamentos desse tipo de civilização que se esgotaram. Literalmente, derreteram, foram consumidos pelas suas próprias contradições. E ameaçam o planeta inteiro” (GRZYBOWSKI, 2009, p. 10). Enquanto as comunidades indígenas atravessam os tempos numa relação harmoniosa com a Natureza, a cultivando e zelando, nós, que somos a maioria quantitativa vamos no sentido oposto de destruir os bens naturais.

O Bem Viver promove o encontro entre homem e Natureza, (ACOSTA, 2016). Esse processo de aproximação acarreta tempo e engajamento. Do mesmo modo que cultivamos um modo de vida exploratório, temos condições de começar a trilhar outro caminho, pela perspectiva do respeito e da ressignificação com a Natureza. Temos muito o que aprender com as bases do Bem Viver, que em sua cultura valoriza os bens naturais, e contribui em outras perspectivas da vida em sociedade:

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

Não só a sustentabilidade ambiental – ou seja, a sustentabilidade de espécies, ecossistemas e processos ecológicos – como também a sustentabilidade social – ou seja, deve contribuir também para a redução da pobreza e das desigualdades sociais e promover valores como a justiça social e equidade (SANTILLI, 2005, p. 34).

A perspectiva é a equidade dos elementos. Não existe hierarquização dos sujeitos que compõe a comunidade planetária. O Bem Viver é a busca por uma boa vida. E na questão dos seres humanos, isso não se registre a um grupo seletivo de seres humanos. Todos merecem ter uma boa vida, uma vida digna, onde seus direitos básicos sejam assistidos. O Bem Viver no contexto ocidental então, vai de encontro as desigualdades sociais, a pobreza como também à injustiça social. A crise na qual nos encontramos é permanente, decorrente sobretudo das políticas neoliberais que respaldam a concentração de riqueza e aumento das desigualdades, pobreza e exclusão, (SANTOS, 2020; GRZYBOWSKI, 2009). No momento em que o que se é gerado por esse sistema explorado só é usufruído por uma parcela seleta dos seres humanos, os demais estão à margem. Esse lugar de marginalização tem mostrado as consequências negativas do modo de vida explorador.

O Bem Viver acredita num crescimento em que todos os participantes sociais usufruam dos resultados. A questão não é apenas a geração de riquezas, a questão é também a distribuição dessas riquezas. Havendo um crescimento econômico partindo de uma consciência ecológica, que distribua de forma equitativa essas riquezas, todos os seres humanos terão condições de vivenciarem as mesmas experiências de vida (no que diz respeito ao acesso de riquezas). Arauz (2014) já vem discutindo essa questão econômica em seus estudos, quando coloca que esse crescimento equitativo é importante para a erradicação da pobreza. No Bem Viver, preocupasse com: “La construcción de una sociedad justa y solidaria, que responda a un sistema económico social y solidario, exige el establecimiento de nuevos valores y patrones de consumo” (p. 286). Solidariedade passa pelo sentido de coletivo que já discutimos no Bem Viver, nos mostrando que os elementos do Bem Viver conversam entre si, onde um é anterior ao outro, ao mesmo tempo que um depende do outro para a sua efetivação.

No Bem Viver o crescimento pensa também nas futuras gerações, o que passa por um sentimento de coletividade e respeito com as outras vidas que estão por vir, no cenário pós-pandemia. Cultivam-se ações e formas de convivência em que se tenha condições de garantir que

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

continue a existir condições de uma boa vida para as futuras gerações. Para isso é importante, segundo Santos (2020) articulações entres movimentos políticos e civilizatórios para a construção de uma sociedade mais justa e sem desigualdades.

Larrea (2014) coloca que no Bem Viver, o crescimento econômico equitativo respeita a gerações futuras sem comprometer suas vidas. A existência das gerações futuras começa a se desenhar no presente. Essa visão de mundo ampla do Bem Viver, que percebe a vida como uma construção do que se foi, do que é e do que há de vir é um pensamento inovador quando colocado na esteira de pensamentos dos modos de vidas ocidentais. O Bem Viver pensa no crescimento sensato, e não predador. E assim, no Bem Viver cultiva-se “una sociedade igualitaria donde las lógicas depredadoras de acumulación del capital sean reemplazadas por nuevas formas de producir, de consumir y de relacionarnos” (LARREA, 2014, p. 246). Uma nova perspectiva na produção, no consumo, na distribuição de riquezas e assim, no relacionar-se com os outros faz parte da visão de mundo do Bem Viver, pois uma experiência de vida que só busca uma produção desacerbada, onde o relacionar-se com outros se faz pelo caminho da exploração é um bloqueio para que a humanidade e as outras formas de vida vivam uma experiência de vida plena.

Outro elemento que merece reflexão é sobre desenvolvimento. Pensar em crescimento econômico no Bem Viver nos faz pensar também sobre desenvolvimento. Como Gudynas (2011) coloca, pensar desenvolvimento no Bem Viver é um elemento chave para o condicionamento da reforma econômica. Para se reformular a ideia do desenvolvimento é importante pensar em uma nova estrutura conceitual. É importante também pensar: desenvolvimento para quê e/ou para quem? E mais, por quê desenvolvimento? Tais reflexões caminham na ideia de um desenvolvimento consciente, num desenvolvimento com sentido. Não colocando este acima de outros elementos que são mais importantes, como a vida. A reflexão é caminho recorrente nas práticas do Bem Viver, que “implica un cuestionamiento sustancial a las ideas contemporáneas de desarrollo, y en especial su apego al crecimiento económico y su incapacidad para resolver los problemas de la pobreza, sin olvidar que sus prácticas desembocan en severos impactos sociales y ambientales” (GUDYNAS, 2011, p. 2). As práticas de desenvolvimento do mundo ocidentalizado baseado no capitalismo não conseguem lidar com os problemas que emergem dessa sede insaciável pelo desenvolvimento. E tais problemas são tanto da esfera social, como sanitária.

Uma questão simples que o Bem Viver coloca sobre desenvolvimento, é que este não

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

acontece de forma linear. No mundo ocidentalizado, espera-se que os diversos contextos percorram o mesmo caminho enquanto sociedade e chegue aos mesmos resultados no que diz respeito ao desenvolvimento. Prova disso é o conceito de países “desenvolvidos/em desenvolvimento/subdesenvolvidos”. A medição é como uma régua em que todos os países são colocados sobre ela, não importando sua construção histórica. Porém, no Bem Viver, “se abandona la pretensión del desarrollo como un proceso lineal, de secuencias históricas que deben repetirse. El Buen Vivir, en cambio, no tiene una postura ni lineal ni única de la historicidad” (GUDYNAS, 2011, p. 18). Se as histórias não foram construídas iguais e nem são atualmente iguais, não há como desenhar um horizonte de desenvolvimento onde todos devem alcançá-lo. Há de se respeitar a vivência de cada coletividade, seus interesses e necessidades também.

O Bem Viver questiona o que é posto como desenvolvimento. Questiona essa ideia de desenvolvimento linear e eurocêntrico. Questiona, segundo Ledezma (2016) os ideais civilizatórios pautados no colonialismo, e assim questiona o porquê de algumas sociedades serem “desenvolvidas” enquanto outras são vistas como “subdesenvolvidas”, tendo em vista que o medidor desse parâmetro é o modo de vida ocidental e neoliberal. É interessante ressignificar o que é desenvolvimento. O que para alguns pode significar avanços, para outros pode ser apenas os primeiros passos. Tudo é passível e necessita ser refletido no Bem Viver, e tal percepção se faz também na ideia de desenvolvimento.

Então, em termos um pouco mais práticos, como o Bem Viver reflete sobre desenvolvimento? Desenvolvimento existe desde as pequenas práticas às grandes ações, ou seja, o desenvolvimento é reflexo da concepção de mundo que se carrega. Se há uma ideia de mundo que busque o lucro, o desenvolvimento vai se desenhar por ações que busquem isso (o lucro), não importando os meios para tal fim. Porém, se a ideia de desenvolvimento se perpassa por caminhos de equidade, as ações serão direcionadas para benefícios coletivos. Seja em políticas públicas organizadas para combater as desigualdades, seja em políticas que incentivam o cuidado com o meio ambiente. As ações serão conscientemente organizadas em virtude de um bem-estar coletivo. Pensar em desenvolvimento ultrapassa o nível do discurso, adentra nas esferas da atividade da vivência:

El crecimiento/desarrollo no es solo un aparato discursivo. Tiene que ver con cómo son pensadas las culturas, las formas de organización

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

como civilización, cómo están construidas las viviendas, la elección de vestuario, de curar la enfermedad, la forma de comer, es decir, la forma de relacionarse. Eso propasa la cuestión del ser humano y su estar en el mundo. Se cataloga a unos adelante, al frente y, a otros, como retrasados, primitivos (MORENO, 2014, p. 258).

Pensar em desenvolvimento no Bem Viver é pensar no grande (como as casas são construídas), mas é também pensar nos miúdos da vida (a escolha da roupa); é pensar no que é externo (as formas de organização), mas é também refletir sobre o que há por dentro (o ser humano e seu ser no mundo). Aprendemos com o Bem Viver, este amplia nossa mente, pois quando pensamos em desenvolvimento podemos pensar em como as indústrias se organizam, em como o capital vai fluir, mas não pensamos em como nosso modo de comer ou nosso modo de vestir está atrelado a isso. Ou até mesmo, a busca da cura de uma doença! Esquecemos que os grandes elementos de uma sociedade são construídos através dos pequenos fragmentos. E se esses pequenos fragmentos não são pontos de reflexão, os grandes resultados resultarão nessas ações não conscientes.

Acreditamos que podemos ressignificar nossas relações humanas, inclusive com a Natureza. Krenak (2019) coloca que o modo de vida dos povos originários é uma alternativa ao sistema de exploração vigente, a discussão até aqui se propôs a levantar a discussão dessa possibilidade através da temática do Bem Viver. Agora, nos encaminharemos a compreender os objetivos e funções do Bem Viver para uma sociedade.

3.2 OBJETIVOS E FUNÇÕES DO BEM VIVER PARA UMA EXPERIÊNCIA EM SOCIEDADE

Compreendendo os pontos que fazem parte do Bem Viver, agora é importante pensar: quais os objetivos do Bem Viver? Quais suas finalidades? O que o Bem Viver pretende ser no momento em que se torna uma vivência real de alguma coletividade? Como já dito, o Bem Viver já é realidade para alguns contextos, e em tais contextos, percebe-se que o principal objetivo é a vida. Minteguiaga (2012, p. 49) coloca que Bem Viver busca “enseñar a vivir, el aprendizaje involucra las relaciones con los otros, consigo mismo; expresiones como la literatura, el cine, el teatro, la gastronomía, hacen parte de esas escuelas de la vida”. Ensinar a viver bem, sim, pois para aprender a viver uma vida boa em comunidade é preciso aprender a vive-la, nos pequenos passos

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

do cotidiano, nas vivências em coletividade, e, também, através de alguns instrumentos oriundos das relações humanas que são a oportunidade de exercer essa boa vida.

No momento em que as ações são voltadas para a igualdade, equidade e harmonia entre os seres, poderemos ter resultados diferentes dos que temos. Pois, numa visão antropocêntrica não é possível que as atitudes se guiem nessa perspectiva coletiva. Já numa visão de mundo sociobiocêntrica os três elementos (igualdade, equidade e harmonia) são importantes no processo. Para que o Bem Viver se faça acontecer em busca dos seus objetivos, uma existência pautada numa visão coletiva é passo importante na essência de qualquer esfera das relações.

Percorrer tais objetivos não é fácil. Temos uma história de distanciamento com a Natureza e as outras formas de vida. Uma história de exploração, para falar a verdade, em que tais elementos foram (e são) explorados pelo ser humano em benefício única e exclusivamente da vida humana. Faz parte das finalidades do Bem Viver essa reaproximação do ser humano com a Natureza. Em Gudynas (2016) os estudos nos dizem que é preciso percebê-la não para algo, mas a Natureza por ela mesma. Mudar essa perspectiva, dará condições de aproximação com os elementos naturais, e assim romper com esse dualismo que vem se perpetuando há anos. Entendemos que cada realidade se relaciona de maneira diferente com os recursos naturais, logo, é impossível que todos os contextos percorram de forma linear esse avanço em busca de uma reaproximação com a Natureza. O Bem Viver entende que cada sociedade terá a sua experiência de transformações, o seu tempo e o seu processo.

Em todos os objetivos e finalidades do Bem Viver o trajeto percorrido é o da coletividade. A sua essência de valorização à vida se faz pela valorização a todas as formas de vida. Reconhecendo que cada realidade precisa de uma atenção especial, e assim, “es importante reconocer que el buen vivir supone un concepto de comunidad donde nadie puede ganar si su vecino, su prójimo, no gana; esto supone pasar de la mirada capitalista donde uno gana si el otro perde” (MINTEGUIAGA, 2012, p. 50). Se comparamos as realidades iremos colocar quem está à frente de quem, e o Bem Viver não é comparação, que pode resultar em uma competição. Bem Viver é cooperação, é coletivamente buscarmos uma vida pautada na harmonia e no bom relacionamento, cada um à sua maneira, e assim, todos, coletivamente avançando.

O Bem Viver não pretende ser uma fórmula passível de ser aplicada em todo e qualquer contexto. Pelo contrário, Bem Viver é experimentar uma nova forma de vida onde os objetivos são outros, a percepção de mundo é outra. Os objetivos do Bem Viver têm “muito mais um caráter de

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

buscas do que de verdades, mais de provocações do que receitas, mais de perguntas do que de respostas. A partir daí falamos, a partir daí compartilhamos estas palavras” (IBAÑEZ, 2016, p. 299). Nenhum objetivo que discutimos aqui foi posto com a presunção de ser um alvo em comum e uma linha de chegada onde todos os contextos devem alcançá-los numa espécie de “corrida para o Bem Viver”. A ideia de discutir sobre os objetivos é apresentar o que se pretende viver no Bem Viver, o que se almeja para uma sociedade que tenha interesse de se guiar no caminho dessa experiência de vida, nesse período pós-pandemia. O fio condutor do Bem Viver é mais pautado pela busca do que pela certeza. E essa busca se desenvolve nas vivências e experiências reais. A concretude da vida é a base para a existência do Bem Viver.

Um dos papéis que o Bem Viver se coloca a desempenhar é o de desconstruir pensamentos que por muitos anos foram construídos como “certos” e “únicos”, ressignificando algumas concepções que nos são postas. O Bem Viver é questionamento, é problematização. Precisamos parar e refletir: será que o que conhecemos por desenvolvimento é a melhor maneira de procurarmos melhorar enquanto sociedade? Será que o que nos é posto como viver busca de fato uma vida digna, ou apenas uma vida produtiva? A ideia de desenvolvimento que temos tem por objetivo o capital, o ser humano ou a vida? Vale a pena buscar um desenvolvimento em que há marginalização de algumas vidas? Como podemos perceber, as inquietações que se desenham pelo Bem Viver são inúmeras, pois quando paramos e nos atentamos aos nossos contextos sociais, econômicos e sanitários podemos perceber que há algo de incerto. Krenak (2019) coloca que nossas práticas de vida são autodestrutivas que se dão através da exaustão e exploração da Natureza.

O Bem Viver se guiar pelo caminho da reflexão, da constante indagação, que não significa ser a mesma é a resposta para todos os dilemas. O Bem Viver, oriundo das vivências indígenas não tem “respostas definitivas, e sim, algumas experiências e vivências que podem nos ajudar nesse debate” (MESCHKAT, 2016, p. 318). O Bem Viver acontece na vivência propriamente dita, impulsionando o questionamento, e não num pedestal que ordena o que é “certo” e “errado”.

O Bem Viver conquistando espaço no cenário ocidental emerge como questionamento, e assim como possibilidade. Estudar analiticamente o Bem Viver é refletir sobre essa possibilidade, em comparação à realidade que atua, como por exemplo o cenário pandêmico que nos encontramos e que se trata de uma realidade que não esperávamos presenciar em nosso tempo, como Santos (2020) coloca.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

A ideia de trazer o Bem Viver à discussão é pensar em sua possibilidade: “al proponer el régimen del buen vivir, plantea que este supone mejorar la calidad de vida, desarrollar capacidades, contar con un sistema económico que promueva igualdad a través de la redistribución social y territorial de los beneficios” (PÁEZ, 2012, p. 112). Pensar numa vida saudável se perpassa não apenas na questão da saúde e da vida individual, mas de uma série de reajustes nas relações humanas que promovam uma vida equilibrada e de qualidade para todas as formas de vida. Desde questões econômicas, passando pelas questões políticas, como também educacionais, o Bem Viver busca refletir em todas as esferas da atividade humana e assim, buscase para a vida:

Emancipação, a tomar a vida com as próprias mãos, não de maneira individual, e sim conjuntamente com outros. Para perdurar no tempo, instituem novas formas democráticas de tomada de decisões, de coordenação e gestão – com o desafio de que essas novas estruturas não se burocratizem, não se tornem um novo obstáculo, mas que possam se reposicionar, renovar e transformar segundo as necessidades do processo (LANG, 2016, p. 43).

As pretensões do Bem Viver não são pontuais. Há uma ideia de transformação que perpassa o tempo. As ações de transformação tornem-se hábitos, corriqueiras nessa nova forma de perceber a vida. E que essa nova forma de perceber a vida sempre se coloque reflexiva, e não acabada. Essa ideia de vida contínua se traduz na forma de perceber que as necessidades de hoje não serão necessariamente as necessidades de amanhã. Que se hoje nos ressignificamos em algum aspecto, amanhã teremos a necessidade de uma outra reflexão. Como já dito, o Bem Viver não é um ponto de chegada, onde estamos num caminho e ao chegarmos nesse ponto, enfim, pararemos. Bem Viver é permanecer no caminho da ressignificação.

O Bem Viver se coloca nessa tarefa de sempre refletir. Como Ibáñez diz, o Bem Viver emerge colocando como possibilidade outras maneiras de se viver e conviver, e assim torna-se um “horizonte reorganizador de nosso conviver” (2016, p. 330). Concordamos com o autor quando este coloca que o Bem Viver estará para nós como um horizonte a ser almejado, e nessa perspectiva percebemos o caráter dinâmico do Bem Viver. A sociedade é dinâmica, logo nos organizar enquanto sociedade se faz pelo dinâmico, pelo repensar, reorganizar, refazer. Como seres humanos temos hábitos, costumes, formas de viver e se relacionar, e tais aspectos sempre estão passíveis ao tempo, logo, precisam sempre serem reavaliados, refletidos em virtude de

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

uma boa vida em coletividade. Tais processos de mudanças se desenham em dois sentidos, segundo Gudynas (2016). Existem as mudanças imediatas que se dão pela quebra e/ou ruptura, e existem aquelas mudanças graduais que precisam de tempo. Nas primeiras o caráter revolucionário é mais perceptível, pois trata-se de transformações percebidas de maneira objetiva. Já nas segundas, as mudanças se dão em processos, acontecendo gradualmente e por isso são menos perceptíveis. Essas duas formas de mudanças se comunicam entre si, no momento em que as mudanças pontuais se tornam base para que as mudanças graduais possam se efetivar. Em ambas é importante ter como horizonte “ a Natureza como nossa mãe originária e nossa casa comum” (SANTOS, 2020, s. p.).

Tais mudanças são pautadas tendo como horizonte um modelo de sociedade desejável, e o Bem Viver tem como função ser norteador nessa busca da sociedade desejável. Em Burgos (2012) percebemos esse lugar do Bem Viver quando este organiza suas ações em pró dessa sociedade desejável que se pretende construir, assumindo assim uma postura e uma decisão. Alguns pontos são básicos para a construção dessa sociedade almejada pelo Bem Viver e assim, “comprendemos que hablar del buen vivir o el vivir bien equivale a hablar de una sociedad socialista, es decir, una sociedad con justicia social, equitativa, sin explotación, sin discriminación” (PALLASCO, 2012, p. 118). Quando colocamos exploração no Bem Viver não se trata apenas da exploração do homem pelo homem, mas também da exploração das outras formas de vida pelo homem. A justiça social passa pela equidade e harmonia dos seres humanos com o universo no qual este está inserido. Assim, se caminhar pelas finalidades do Bem Viver é buscar essa sociedade desejável sem discriminação e equilibrada.

No entanto, para se caminhar nessas finalidades é preciso de vontade política, segundo Stromquist (2017). Para que o Bem Viver tenha condições de se concretizar na vivência social é importante que os sujeitos decidam pelo Bem Viver. Como essa ressignificação acarreta em grandes transformações, mais do que pura vontade ou necessidade, é preciso uma vontade política. Para isso é importante o que Mezirow (1978) chamou de aprendizagem transformadora, o que nos faz pensar na estreita relação que o Bem Viver tem com processos educativos. Aprendizagem transformadora passa pela percepção do mundo social e o desejo de transformá-lo pautada numa perspectiva do Bem Viver. É preciso aprender a se caminhar para outras práticas de vida, e aprender nos faz pensar em educação. No Bem Viver os processos educativos são importantes para a sua realização nas vivências.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

A educação no Bem Viver se desenha por processos de estimular os potenciais que existem nos indivíduos. E assim, não se trata de espaços propriamente ditos, como a escola, mas sim de práticas educativas que se desencadeiam na vida em coletividade. É importante fortalecer as possibilidades dos sujeitos através da educação, pois fortalecendo tais aptidões os resultados serão uma qualidade de vida almejada pelo Bem Viver:

Abandona su función reproductora para contribuir a la gestación de un régimen de desarrollo, inspirado en nuevos valores como la centralidad de la vida, la armonía, el bienestar, la plenitud, la felicidad, la vida saludable, la educación a lo largo de la vida, el florecimiento humano a través del reconocimiento y la valoración individual, las libertades, oportunidades, capacidades, potencialidades y derechos (BURGOS, 2012, p. 65).

A educação no Bem Viver se guia não por depositar informação nos sujeitos, mas inspirá-los a viver a boa vida. E usufruir dessa boa vida se faz nas mais diversas esferas, tanto na exploração das possibilidades de cada sujeito, como no melhor relacionar-se com o seu contexto. Sujeitos que entendem sua função e sua capacidade de colaborar com uma boa vivência em comunidade agregam à essa comunidade. Educar no Bem Viver é desenvolver essa oportunidades aos sujeitos, ter essa sensibilidade aos processos educativos. Quando colocamos essa formação educativa para além de informações, colocamos que a educação no Bem Viver se detém a uma formação holística do sujeito, como Ledezma (2016) esclarece. Uma formação holística não se detém a transmissão de conteúdo de forma linear, mas sim, no estímulo à formação de um sujeito que sabe se colcar no mundo, sabendo quem é, sabendo aprender, sabendo decidir e sabendo fazer.

Seguindo essa abordagem, a educação no Bem Viver é revolucionária. Vai de encontro aos processos educativos impostos durante tempos, assim, “la educación del Vivir Bien es una ruptura epistemológica con las concepciones de saber y conocimiento construidas desde la educación tradicional” (LEDEZMA, 2016, p. 52). A educação tradicional não se preocupa com uma formação holística dos sujeitos, mas sim, na transmissão dos conteúdos para a sua formação científica. A educação no Bem Viver se desenha de forma contrária, sendo uma educação transformadora, rompendo assim, com paradigmas estabelecidos.

Todavia, colocar que a educação no Bem Viver se preocupa com a formação holística dos sujeitos, não anula o fato de que o processo educativo formal é reconhecido no Bem Viver.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

O Bem Viver não se trata de anular uma postura e assumir outra. Mas sim, ressignificar as posturas, repensar o que não colabora com uma vida boa. A educação formal, nesse sentido, precisa ser ressignificada. Essa esfera da educação é fruto da luta dos movimentos sociais por um estado democrático, por acesso à educação por parte de todos os que compõe a sociedade. Dessa forma, o Bem Viver não ignora a educação, mas sim a repensa, exercendo nesse aspecto uma dupla função, baseando-nos em Páez (2012, p. 112), para quem “el primero, mejorar oportunidades mediante el incremento del acceso y la permanencia en el sistema educativo, y el segundo, contar con contenidos y mecanismos de aprendizaje pertinentes para esa nueva sociedad y esas nuevas relaciones”. No tocante à concepção educacional formal o Bem Viver tem a função de ampliar as oportunidades de acesso e desenvolver um ensino significativo para a realidade em que os sujeitos estão inseridos, o que agregará assim, na formação holística que mencionamos.

Pensar nessa educação ressignificada se desemboca em pensar também nas outras esferas das relações humanas. No Bem Viver os pontos não estão desconexos, pelo contrário, dialogam entre si e, mais ainda, dependem mutuamente para se fazer acontecer e assim dá condições do Bem Viver coexistir. A educação entra nesse processo, e dessa forma, Pallasco (2012, p. 117) deixa claro: “somos conscientes de que la educación no cambiará si no cambia el sistema social, económico y político”. A educação não é um instrumento mágico que agirá sozinha pela mudança substancial de toda a sociedade. É preciso que as demais esferas se comuniquem em harmonia com o mesmo objetivo: uma boa vida. É importante que se colabore com as mudanças nessas esferas, que se busque mudar de perspectiva, ampliando os horizontes e reorganizando as práticas:

En ese marco podemos afirmar que es fundamental, entonces, sustentar las propuestas de una educación transformadora que responda a esos desafíos, en el paradigma del Buen Vivir, que es capaz de cuestionar y confrontar la visión hegemónica neoliberal y genere una ruptura con una episteme antropocéntrica centrada en el valor del consumo aún a costa de la depredación de los bienes comunes y cuya referencia finalista es el éxito individual por encima de las necesidades de las mayorías. Así, este paradigma cumple un doble propósito: de problematizar y generar ruptura hacia el modelo hegemónico y por otro lado de inspirar propuestas alternativas basadas en la equidad, la solidaridad, la integralidad y el respeto a la diversidad de formas de ser y de producción de saberes (JARA, 2016, p. 10).

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

O processo educativo no Bem Viver é pautado na transformação, e permeado de desafios. As adversidades se desenham tanto na perspectiva que essa educação é um ato revolucionário indo de encontro aos modelos vigentes, como também no desafio de contribuir na formação de uma sociedade pautada na harmonia e equilíbrio através da formação holística dos sujeitos. E como todos os outros elementos que contribuem para o Bem Viver, a educação no Bem Viver requer decisão e esforço. Decisão por almejar tais mudanças nos mais diversos contextos e esforço para engajar-se no caminho da construção de tais mudanças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos em nosso texto refletir como é possível uma ressignificação da relação com a Natureza a partir da experiência indígena do Bem Viver. Para isso conceituamos um modo próprio de vida indígena como horizonte de possibilidade para a sociedade ocidentalizada e chegamos a algumas reflexões. Uma delas foi sobre a base da do Bem Viver, que é as diversas formas de vida. As ações e pensamentos no Bem Viver são direcionados para toda forma de vida que existe no planeta, ultrapassando a visão antropocêntrica do mundo ocidental. Esse exercício de visão de mundo para além do ser humano é um exercício pelo qual o Bem Viver desenha suas práticas, buscando assim uma vida boa para todas as formas de vida. Busca-se uma boa vida de forma coletiva e não segregada.

O Bem Viver acredita em relações harmônicas, e nesse cenário, entra a relação harmônica do ser humano com a Natureza. No Bem Viver é uma relação pacífica. A degradação ambiental e crise sanitária que estamos vivendo é então, fruto de um relacionamento perverso do homem com a Natureza. E nesse sentido, o Bem Viver não é contra o desenvolvimento. Mas sim, um desenvolvimento consciente e não explorador. Busca-se um sistema de desenvolvimento que respeite todas as formas de vida e que incentive uma relação saudável entre homem e Natureza, pautado na harmonia. Porém, o que ocidentalmente conhecemos por desenvolvimento acredita que a evolução se faz a partir da exploração em busca do lucro. E essa exploração em busca do desenvolvimento traz como consequências colapsos econômicos, ambientais e sanitários.

Percebemos que o Bem Viver é ideia mobilizadora. Como destacamos aqui, o Bem Viver é prática de vida milenar. Ultrapassa o campo das ideias, aliás, é anterior ao campo das ideias.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

Então, o Bem Viver vem refletir nas práticas diárias, nas vivências, como também na visão de mundo. E Bem Viver busca essas mudanças e essa mobilização porque inclui alguns objetivos e funções, em que o principal é a busca por se viver bem. E viver bem para além do ser humano. Trata-se de uma busca por uma boa vida numa perspectiva sociobiocêntrica, ultrapassando a visão de mundo antropocêntrica.

Para se alcançar essa realidade sociobiocêntrica, o Bem Viver vem incentivando uma reaproximação do ser humano com a Natureza através de uma relação pacífica através da coletividade. Tais caminhos buscam ser percorridos através da reflexão. O Bem Viver não é dado, o trajeto se faz pela problematização. Através do constante questionamento é que o Bem Viver se faz acontecer em busca dessa sociedade desejável. Para isso, é importante a decisão. Como vimos no decorrer dos nossos estudos, o Bem Viver não é um modelo de vida cabível de ser imposto, é importante que este seja uma decisão, decisão política consciente, pois Bem Viver é ideia mobilizadora que se faz na vida prática e não na vida idealizada.

Nesse sentido de se decidir por Bem Viver, é importante aprender a viver bem, e é assim que a educação assume papel importante no Bem Viver. A educação no Bem Viver se faz por processos que estimulem práticas conscientes, inspirando os sujeitos a viver a boa vida. A educação no Bem Viver é revolucionária e importante para um cenário pós-pandemia.

Encerramos a presente pesquisa com esperança de que podemos conjecturar uma sociedade pós-pandemia em uma configuração diferente. É mais que urgente essa mudança de paradigma, e temos a possibilidade de nos inspirarmos nos povos originários para tais caminhos de transformação.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária / Elefante, 2016.

ARAUZ, A. Post-crecimiento y buen vivir: las relaciones de poder del crecimiento para el buen vivir. In: ENDARA, G. **Post-crecimiento y buen vivir**: propuestas globales para la construcción de sociedades equitativas y sustentables. Quito: Friedrich-Ebertstiftung (FES- ILDIS), 2014, p. 273-287

BURGOS, C. C. Buen vivir: escenarios em disputa y nuevos sentidos para la educación. In:

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

- TEJADA, C. F. (coord.). **Educación y Buen Vivir**: reflexiones sobre su construcción. Quito: Contrato Social por la Educación, 2012, p. 63-78.
- CÉSPEDES, D. C. Hacia la reconstrucción del Vivir Bien. **América Latina em Movimento**: Sumak Kawsay: recuperar el sentido de vida, Quito, n. 452, p. 8-13, fev. 2010.
- DÁVALOS, P. **Reflexiones sobre el sumak kawsay (Buen Vivir) y las teorías del desarrollo**. ALAI, Quito, 2010. Disponível em: < <https://www.alainet.org/es/active/25617>>. Acesso em: 03 jul. 2019.
- FERNÁNDEZ, B. Educación popular y “buen vivir”: interacciones en lo pedagógico. **Revista Internacional sobre Investigación en Educación Global y para el Desarrollo**, n. 10, p. 15-28, 2016.
- GRZYBOWSKI, C. Mudar mentalidade e práticas: um imperativo. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 58-62, set. 2009.
- GUDYNAS, E. Buen Vivir: germinando alternativas al desarrollo. **América Latina em Movimento**, Quito, n. 462, p. 1-20, 2011.
- GUDYNAS, E. Transições ao pós-extrativismo: sentidos, opções e âmbitos. In: DILGER, G. et al (orgs.). **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Autonomia, Elefante, 2016, p. 174-213.
- IBÁÑEZ, M. R. Resignificando a cidade colonial e extrativista: bem viver a partir de contextos urbanos. In: **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Autonomia, Elefante, 2016, p. 296-335.
- JARA, O. Buen vivir y educación. **Revista Internacional sobre Investigación en Educación Global y para el Desarrollo**, n. 10, p. 7-14, 2016.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras, 2020.
- LANG, M. Alternativas ao desenvolvimento. In: **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo,

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.

Autonomia, Elefante, 2016, p. 24-45.

LARREA, A. M. El buen vivir como alternativa civilizatória. In: ENDARA, G. **Post-crecimiento y buen vivir**: propuestas globales para la construcción de sociedades equitativas y sustentables. Quito: Friedrich-Ebertstiftung (FESILDIS), 2014.

LEDEZMA, N. A. Educación de la vida y em la vida, para vivir bien. **Revista Internacional sobre Investigación en Educación Global y para el Desarrollo**, n. 10, p. 43-56, 2016.

MESCHKAT, K. Os governos progressistas e as consequências do neoextrativismo: interesse geral da nação versus interesses particulares. In: DILGER, G. et al. (orgs.). **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Autonomia, Elefante, 2016, p. 336-351.

MINTEGUIAGA, A. Nuevos paradigmas: educación y buen vivir. In: TEJADA, F. C. (coords.). **Educación y Buen Vivir**: reflexiones sobre su construcción. Quito: Contrato Social por la Educación, 2012, p. 43-54.

MORENO, C. Des-desarrollo como antesala para el buen vivir: repensar la civilización de occidente. In: ENDARA, G. **Post-crecimiento y buen vivir**: propuestas globales para la construcción de sociedades equitativas y sustentables. Quito: Friedrich-Ebertstiftung (FESILDIS), 2014.

PAÉZ, D. A. Educación para el buen vivir: aproximaciones y distancias. In: TEJADA, F. C. (coord.). **Educación y Buen Vivir**: reflexiones sobre su construcción. Quito: Contrato Social por la Educación, 2012, p. 111-116.

PALLASCO, M. Educación y el buen vivir. In: TEJADA, F. C. (coord.). **Educación y Buen Vivir**: reflexiones sobre su construcción. Quito: Contrato Social por la Educación, 2012, p. 117-124.

SANTILLI, J. **Socioambientalismo e novos direitos**: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural. Fundação São Paulo: Petrópolis, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, abr. 2020.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dez., 2021.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dic., 2021.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 4, n. 2, p. 06-28, jul.-dec., 2021.